Anno 3.º — DOMINGO 24 DE JULHO DE 1910 — N.º 31

# CORREIO DE VOUGA

Semanario independente, noticioso e litterario

Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc. Rua de Sá Noronha, 51 — PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO: ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO NA RUA DE S. MIGUEL N.º 36 — PORTO

Não se devolvem originaes nem se acceita collaboração que não seja sollicitada.

## CARTAS D'ALGURES

Meu amigo:

Embora eu tenha ouvido muitas vezes dizer que Portugal é o prolongamento natural de Marrocos, querendo-se, deste modo, pôr em destaque o atrazo em que nos encontramos, só ha dias me convenci de que realmente vivo num paiz, ainda no estado barbaro, ou que a elle regressou, talvez definitivamente.

Apresso-me, no entanto, a annotar esta affirmação, para não dar uma prova de que enfermo do mesmo vicio que tantas vezes condemno nos outros: dizer mal de tudo que nos vae de portas a dentro e julgar explendido o que nos fica a distancia. E' um grande defeito dos portuguezes, este: depreciarem-se a si e ás suas coisas, constantemente.

Ora eu acho muito louvavel que cada um, reconhecendo os seus erros, os não esconda; mas isto só é symptoma de caracter forte e são, quando se revela, ao mesmo tempo, o desejo de não errar mais, e se fazem realmente esforços para o evitar. E os portuguezes, que se têm desacreditado a si mesmos, annunciando insistentemente aos estrangeiros as suas miserias materiaes e moraes, não se mostram sinceramente arrependidos, não se têm emendado e não o tentam sequer. Cada vez erram mais.

Mas a annotação que eu quero fazer é esta: o phenomeno social a que vou alludir não é particular ao nosso paiz—é geral.

Eu convenci-me, ha dois dias, de que vivo num paiz barbaro, e convenci-me d'isso num circo a que chamam de *Variedades*.

Com estrondoso réclamo, annunciara-se um desafio, que a imprensa classificou de sensacional, feito pelo luctador francez Lemaire ao japonez Kirano, discipulo illustre do celebre Raku.

Lemaire é um leão e Kirano um mosquito, mas se o primeiro representa a força bruta, o segundo é a encarnação da arte. Lemaire, transfigurado, tornando-se a pura besta humana, atira-se com o peso de seis ou sete arrobas para cima de Kirano que eu só comprehendo que não grite desesperadamente, sendo insensivel á dôr. Bastaria aquelle peso para o vencer, para o esmagar, mas elle, quasi sem um esforço material e pondo apenas em pratica a sua admiravel arte, desembaraça-se do terrivel e selvagem inimigo e só o não derrota, porque bate a hora aprazada.

Assistiram a este combate mais de duas mil pessoas. Contrariados, como eu, poucos lá estariam. Havia applausos, imprecações, enthusiasmo que chegava ao delirio, não quando o Kirano revelava valor intellectual, estudo, arte, mas quando Lemaire, abusando dos seus musculos, se atirava, como uma fera, sobre o inimigo. Muitas vezes reciei pela vida d'este, porque Lemaire é desleal, impulsivo, selvagem: e exactamente nesses momentos é que o publico applaudia e exigia mais violencia como se tivesse sede de sangue e o espectaculo da morte o divertisse. Mais: quantas pessoas eu vi erguerem-se e quererem avançar para a arena, em attitude aggressiva, dominados pelo instincto de fera que jamais se apagará no fundo da alma humana!

Em compensação tinha havido antes exercicios de equilibrio, executados com extraordinaria perfeição, e outros numeros que exigiam valor intellectual e faculdades artisticas.

Parecia natural que, visto não estarmos no sertão africano, este facto despertasse interesse, satisfizesse as exigencias de espiritos desbravados, dando-lhes certo prazer intellectual e moral.

Nada d'isso. O publico não queria vêr, não queria ouvir—e não deixava os outros vêrem nem ouvirem. Berrava desesperadamente por Lemaire—symbolo da força bruta, da violencia, da deslealdade. Até um numero de musica—da divina arte—o aborreceu e indignou.

Isto revela, meu amigo, que a humanidade não progride moralmente. Regressa antes ao estado de pura animalidade—ou caminha para a loucura.

Escrevo-lhe muito precipitadamente e se não fôsse a sua exigencia não me apanhava, hoje, nem uma lettra.

Sempre

Seu do coração,

*A. B. C.*

---

O coração da mulher, por mais arido que o tornem o sopro dos preconceitos e as exigencias da etiqueta, tem sempre um cantinho fertil e risonho destinado por Deus ao amor maternal.

*Alexandre Dumas.*

## EXAMES E EMPENHOS

Epocha de exames: epocha de colicas e de apprehensões para os rapazes, e mais ainda para as familias que, por um sensibilismo desculpavel, embora por vezes exaggerado, todas se affligem por verem os filhos andarem pallidos e faltos de appetite, não se lembrando que passados os exames, tudo voltará ao estado normal.

Certo, os exames são uma sancção artificial e bem pouco demonstrativa do aproveitamento real do alumno; mas tambem não é menos certo que não é facil, no estado actual das cousas, substituil-o. A sua suppressão pura e simples é uma solução demasiadamente simplista, para não dizer uma solução madraça. Mesmo no ensino superior, onde, pelo menos entre nós a questão do ensino livre não existe, se o estudante apenas frequenta os cursos no intuito de aprofundar a sua cultura, bem está a coisa; mas, desde que elle requeira um diploma, o exame, pelo menos no fim do curso, torna-se necessario.

O que é preciso, pois, fazer é tornar o exame menos artificial, approximal-o, tanto quanto possivel, das condições mesmo em que na vida ha que utilisar os conhecimentos. Sobretudo, é necessario acabar com o systema automatico de perguntas e respostas: deita-se uma pergunta no ouvido do rapaz e, logo a seguir, ha de lhe sahir pela bocca uma resposta determinada. E' ridiculo e é anti-physiologico. Em primeiro logar, o facto emocionante de se encontrar o rapaz em frente de três inquisidores é de natureza a produzir frequentemente esta obnubilação de espirito de que muita gente se espanta, mas que a psychologia explica: subitamente, uma nuvem passa por sobre os conhecimentos armazenados, e o rapaz deixa de responder a cousas que está farto de saber. Depois, não ha situação alguma da vida — empregado do commercio, contra-mestre de fabrica, piloto de navio, medico, engenheiro — em que um individuo tenha de se collocar na posição de examinando interrogado por examinadores — a não ser a situação de reu. Ora não parece que os exames tenham sido creados para verificar se um individuo está apto para ser reu.

No ensino superior e no ensino profissional, a questão, até certo ponto, é facil de resolver. Num, como noutro, o exame pode perfeitamente consistir em um ou mais trabalhos que ao estudante são dados para fazer, e um relatorio sobre esses trabalhos, seguido ou não de discussão. No ensino secundario, o caso é mais difficil, por ser o seu objecto apenas a cultura do espirito e a acquisição de conhecimentos geraes. Todavia, pode-se fazer com que o exame procure inquirir, sobretudo, da *capacidade de fazer uso dos conhecimentos adquiridos*, quer para comprehender os phenomenos correntes, quer para os utilisar. E não fallo de inquirir dos *conhecimentos adquiridos* porque não é possivel fazer uso de conhecimentos sem os possuir; pelo contrario, pode-se ter conhecimentos sem se saber fazer uso d'elles —e é justamente o que se observa nos rapazes laureados sahidos das nossas escolas,— a não ser que se diga préviamente, e eu concordo, que só se *possue* verdadeiramente um conhecimento quando d'elle se sabe fazer uso. Mas, neste caso, a segunda formula — *avaliar dos conhecimentos adquiridos*, — identifica-se com a primeira — *avaliar da capacidade de fazer uso dos conhecimentos adquiridos* — com a vantagem de não precisar esta ultima de explicação prévia.

Não posso agora entrar em pormenores; todavia, exemplificarei. Não se pode admittir, por exemplo, que se mande descrever de cór um apparelho de physica: o que é preciso é que o alumno reconheça o apparelho, saiba pô-lo a funccionar e comprehenda o papel das diversas partes que o compõem. E não havendo á vista o apparelho pode-se exigir que o alumno faça d'elle um *croquis*, embora imperfeito, em que se mostre a situação relativa das suas peças essenciaes: se elle não fôr capaz d'isso é porque não tem no espirito senão uma *imagem verbal*, coisa que para nada serve e que, por conseguinte, escusado é exigir.

Mas, afinal, não era a questão pedagogica, mas sim a questão moral, que eu queria tratar, a proposito dos exames. E' uma coisa verdadeiramente miseranda a chuva de cartas de empenhos que desaba sobre os membros do jury em questões de exames e analogas.

E o que é mais para lamentar é que não são só as pessoas sem caracter que usam de taes meios.

Ha pessoas que o fazem porque nunca se deram a reflectir no quanto uma carta de empenho envolve de injurioso para a pessoa que a recebe. E todavia, a reflexão é simples: aquelle que mette um empenho para que lhe approvem o filho, ou está convencido de que essa approvação é um acto de justiça, e então quer dizer que não nos julga capaz de fazer justiça senão á força de empenhos, ou sabe que a coisa não é justa, e, nesse caso, diz lá comsigo que a nossa rectidão é uma cantiga, e que a questão está em encontrar a pessoa cujo pedido a fará dobrar. Eis a questão, posta sem rodeios, desembaraçada de todos os sophismas; virem-n'a, revirem-n'a, cahirão sempre sobre o mesmo ponto.

Note-se: que alguem escreva aos examinadores dando *uma informação* que os habilite a melhor formar o seu juizo,—sobre a timidez, por exemplo, de um pequenito que é necessario não *effaroucher* fallando-lhe em tom de sargento-mór, — é isso perfeitamente licito e até para agradecer; mas isso é bem differente do «empenho-me muito por esse rapaz e peço-lhe que faça por elle tudo quanto estiver ao seu alcance». Não, uma tal pressão exercida sobre a consciencia do examinador é uma injuria que queima como um ferro em braza; e nós sabemos de pessoas — ainda as ha — que ao receberem semelhantes cartas sentem afoguearem-se-lhes as faces como se tivessem recebido uma bofetada.

Ha quem queira mascarar a injuria com a vestimenta da amisade, o que não faz senão duplicá-la: a verdadeira amisade estima em nós o nosso caracter e não os nossos favores. Quem nos respeita, quem nos estima, escreve da seguinte forma: «Meu caro, pedem-me que lhe recommende F...; escusado será dizer que o meu amigo fará o que a sua consciencia lhe dictar». Ahi está!

Como este artigo já vae longo, direi, para terminar, que ha já muitos examinadores para quem as cartas de empenho têm um effeito contra-producente. E com razão. Aviso aos pedintes!

*José de Magalhães.*

## SECÇÃO LITTERARIA

### AS MINHAS AZAS

Eu tinha umas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Que, em me eu cansando da terra,
Bati-as, voava ao ceu.
—Eram brancas, brancas, brancas,
Como as do anjo que m'as deu.
Eu innocente como ellas,
Por isso voava ao ceu.

Veio a cubiça da terra,
Vinha para me tentar;
Os seus montes de thesouros
Minhas azas não quiz dar.
—Veio a ambição co'as grandezas,
Vinham para m'as cortar,
Davam-me poder e gloria;
Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Em me eu cansando da terra,
Batia-as, voava ao ceu.

Mas uma noite sem lua
Que eu contemplava as estrellas,
E já suspenso da terra
Ia voar para ellas,
—Deixei descahir os olhos
Do ceu alto e das estrellas...
Vi, entre a nevoa da terra,
Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Para a terra me pesavam,
Já não se erguiam ao ceu.

Cegou-me essa luz funesta
De infeitiçados amores...
Fatal amor, negra hora
Foi aquella hora de dores!
—Tudo perdi nessa hora
Que provei nos seus amores
O doce fel do deleite,
O acre prazer das dores.

E as minhas azas brancas,
Azas que um anjo me deu,
Penna a penna me cahiram...
Nunca mais voei ao ceu.

ALMEIDA GARRETT.

---

Queixam-se muitos de pouco dinheiro, outros de pouca fortuna, alguns de pouca memoria, mas nenhum de pouco juizo.

*Chateaubriand.*

## Trechos selectos

### A MORTE DO LOBO

Uma noite de novembro cahia neve, e os aspectos do céo profundamente frio tinham umas estrellas tremulas, lucilantes, e um luar algido que dava ás concavidades nevadas a claridade nitida duns lagos de prata fundida. O padre vestia polainas de saragoça assertoadas, tamancos ferrados e suspensos nas fortes presilhas das polainas, jaqueta de pelles e uma carapuça alemtejana escarlate, que lhe abafava as orelhas. Debaixo da lapella da véstia resguardava a escorva da clavina, e caminhava curvado com as mãos nas algibeiras e os olhos vigilantes nas gargantas dos serros. Uivos longiquos de lobo ouviam-se e punham-lhe vibrações na espinha, e um terror grande n'aquella immensa corda de serras, onde elle, áquella hora, se considerava o unico ente exposto a ser comido pelas feras esfomeadas. Pulava-lhe o coração. Ao trepar a um outeiro, entaliscado de rochedos que pareciam resvalar de encontro a elle, ouviu o uivo ali perto, para lá da espinha do serro. Tirou a clavina do sovaco, e livido, com a sensação estranha do figado despegado, metteu o dedo tremente, automatico no gatilho. Fez um acto de contricção; provava quanto as religões são importantes, urgentes, nas crises nos conflictos serios do homem com o lobo. Esperou. A fera assomára na lomba do outeiro, recortando-se esbatida no horisonte branco com uma negrura immovel, sinistra: parecia um bronze, um emblema de sepulchro. Ella quedou-se por largo espaço num aspecto de admiração, de surpreza. Depois, descahiu sobre as patas trazeiras, com ares contemplativos, de uma pacatez fleugmatica. Mediam trinta passos entre a fera e o frade. Estava ao alcance da bala o lobo; mas o frade, caçador astuto, manhoso, receava perder um dos tiros. Pôz-lhe a pontaria com um gesto de espalhafato; dava gritos como quem açula cães: «Bóca! péga! cérca! Ahi vae lobo!» Echos respondiam; e a fera, menos versada na physica dos sons reflexos, olhava crespa, espavorida para o lado em que repercutiam os brados. Ergueu-se, e desceu mui de passo, com uns vagares ironicos, com a cauda de rojo e o dorso eriçado, a ladeira da colina. O padre via-a negrejar na linha flexuosa do declive. Pensou retroceder; mas o logarejo de Felicia estava mais perto que a sua aldeia, e para aquelle lado latiam cães dum faro que adivinha lobo antes de lhe ouvir o uivo, e o fariscam pela inquietação das rezes nos curraes. Trepou afoito ao teso do outeiro: ganhara animo; bebera uns tragos de aguardente duma cabaça atada com o polvorinho no correão. Sentiu-se capaz de affrontar o rebelde, se elle o não respeitasse como rei da creação segundo affirmativas de theologos que nunca viram lobo. Do topo olhou para baixo: não o avistou. Carcavava-se um algar emmaranhado de bravio espesso onde se embrenhara. Estugando o passo, ganhou uma chã ladeada de extensas leiras de feno alvejantes como um estendal de lençoes; e, quando olhava para traz receoso, viu a alimaria, a grandes passos, com a cabeça alta atravessar a leira da esquerda, parecendo querer cortar-lhe o passo na extrema do caminho que entestava com a aldeia. O padre agachou-se, coseu-se com o vallo de urzes e gietas que formavam o tapume das terras cultivadas, e muito derreado, arquejando com o dedo no gatilho, e a fecharia rente da barba, caminhou parallelo com o lobo que o farejava de focinho anhelante, orelhas fitas; e assim que a fera passou de perfil em frente do tapigo, o rei da creação, que o era pelo direito do bacamarte, despediu-lhe a primeira bala com a destra pontaria, de quem já havia matado aguias com zagalotes. O lobo varado pela espadua até ao coração, decahiu sobre um dos quadris, escabujou em roncos fermentes, espargindo flocos de neve, ergueu-se ainda inteiriçado numa grande agonia e morreu.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## NOTICIARIO

**Fallecimentos**—Com a edade de 72 annos, falleceu no dia 19 o nosso presado conterraneo sr. Manuel Fernandes d'Oliveira, o bom e honrado «Manuel Pedro», que todos estimavam. Era um eximo caçador. Ha annos que estava privado da sua distracção favorita, porque perdera a vista.

Não convivemos muito com o saudoso Manuel Pedro, mas, apesar d'isso, conservamos a impressão de que era um homem honesto, e um excellente cavaqueador, tendo a auxilia-lo uma memoria invejavel que lhe permittia reproduzir cartas que ouvira lêr, ha dezenas d'annos.

Foi com magua que recebemos a noticia da sua morte e difficilmente o esqueceremos, porque sentiamos por elle a natural sympathia que só despertam os bons.

A toda a sua familia apresentamos sinceras condolencias.

**Festividade** — Nos dias 6, 7 e 8 do proximo mez de agosto festeja-se aqui, com muito brilho, a festividade de Nossa Senhora da Graça.

Publicamos a seguir, o respectivo programma:

Desde o dia 1, a festa será annunciada por girandolas de foguêtes de manhã, ao meio dia e á noite.

No dia 6, ao romper da alvorada, o *Zé P'reira* começará a percorrer as ruas da villa. A's 5 horas da tarde deve chegar a philarmonica da Murtoza, de que é regente o illustre professor sr. Alippio Portugal, a qual, depois de percorrer as ruas principaes, assistirá ao *Te-Deum* que deve realisar-se na capella. A' noite, dará entrada na villa a musica «Nova», de S. João, que, em despique com a da Murtoza, abrilhantará o arraial que deve começar ás 10 horas. Haverá illuminações, que promettem ser deslumbrantes, e atirar-se-ha muito fogo. Como de costume, as lindas tricanas da nossa terra não deixarão de se associar á festa com as suas apreciadas danças e descantes.

No dia 9, ás 10 horas da manhã, começará a missa solemne, com a assistencia da orchestra da philarmonica da Murtoza. Subirá ao pulpito o digno prior d'esta freguezia e distincto orador sagrado sr. Manuel da Cruz. A's 5 horas da tarde organisar-se-ha uma pomposa procissão em que se encorporarão as duas philarmonicas e que percorrerá as ruas principaes.

Finalmente, no dia 8, haverá corridas de cavallos, argolinha, e outros divertimentos, assistindo a musica «Nova» de S. João.

**Baptisado** — No dia 14, baptisou-se, na egreja d'esta freguezia, recebendo o nome de Elysa, uma creança do sexo feminino, filha do nosso conterraneo sr. Eduardo da Costa Santos. Foram padrinhos a sr.ª D. Elysa de Lemos Mourão e o nosso presado amigo sr. Clemente Fernandes da Silva. Para a galante creança desejamos as maiores felicidades.

**Exames**—O nosso presado amigo sr. Manuel Ferreira Canha Junior, digno e illustrado professor em Celorico da Beira, propoz a exame do 1.º grau seis alumnos, obtendo cinco a classificação de *optimo* e um a de *bom*. Este excellente resultado revela que o sr. Manuel Canha tem magnificas qualidades de professor e que desempenha com zelo a sua profissão. Abraçamol-o muito affectuosamente e enviamos-lhe as nossas mais cordeaes felicitações.

—Fez exame do 7.º anno de sciencias, no lyceu D. Manuel II (Porto), ficando plenamente approvado, o nosso presado amigo sr. Adriano Joaquim de Carvalho, natural da Povoa do Forno (O. do Bairro), o qual tem revelado faculdades de trabalho e de intelligencia pouco vulgares. Dedica-se á carreira militar e estamos certos de que, no curso superior que vae encetar, ha-de continuar a distinguir-se, o que sinceramente desejamos.

Enviamos-lhe muitos parabens, bem como ao seu irmão e nosso bom amigo e correspondente, sr. Antonio Joaquim de Carvalho, distincto professor na Mamarosa.

—No lyceu d'Aveiro, fez exame da 3.ª classe, ficando approvado, o sr. Edmundo Coelho de Magalhães, filho dilecto do nosso presado amigo e conterraneo sr. José Fortunato Coelho de Magalhães, digno empregado das Obras Hydraulicas.

Ao querido Edmundo e aos seus extremosos paes, muitos e sinceros parabens.

—Como o nosso presado correspondente de S. João de Loure noticía, fez exame de admissão á Escola Districtal d'Aveiro, obtendo uma alta classificação, o nosso amigo sr. Amadeu José dos Santos, muito conhecido e estimado aqui pelas suas primorosas qualidades de espirito e coração. E' incontestavelmente um rapaz de merecimento e estamos certo de que ha-de fazer na Escola Districtal um bello curso. Assim o desejamos.

—Na escola do sexo feminino da Mourisca, de que é professora a sr.ª D. Laura Brinco, fizeram exame as meninas Rosa Pereira Simões, com a classificação de *optimo*, e Casimira da Annunciação Carvalhal, com a de *bom*.

Muitos parabens á distincta e illustrada professora.

—Em Aguada de Cima realis-sarame tambem terça-feira os exames do 1.º grau, sob a presidencia do distincto professor sr. Joaquim de Mattos Alla, sendo o resultado o seguinte:

Da escola do sexo feminino, de que é professora a sr.ª D. Alzira Augusta de Lemos:—Casimira Marques de Castro, Maria Emilia d'Almeida e Maria Joaquina d'Oliveira, *optimo*.

Da escola do sexo masculino de que é professor o sr. Antonio Gomes Pinheiro:—Albano Rodrigues Figueira, Antonio Maria Andrade d'Almeida, Daniel Ferreira Pó e José d'Almeida, *optimo*, e Abilio Pereira, *bom*.

A' sr.ª D. Alzira Lemos e ao sr. Gomes Pinheiro, incontestavelmente professores dos mais distinctos e mais zelosos do nosso paiz, enviamos cordeaes parabens.

**Exames e empenhos** —Pertence ao brilhante jornal de Lisboa, a *Lucta*, o artigo que sob esta epigraphe publicamos na primeira pagina.

**Pateira de Fermentellos**—El-Rei visitou, num dos ultimos dias, a pateira de Fermentellos, onde se encontra uma das mais bellas paysagens do nosso paiz.

**Rectificação** — Pede-nos a sr.ª D. Alice Rosaria dos Santos para rectificarmos a noticia que num dos ultimos numeros demos a seu respeito, declarando que não foi ella quem nasceu em S. João de Loure, como dissemos, mas o seu pae. O lapso, parece-nos, não tem importancia; em todo o caso ahi fica satisfeito o desejo de S. Ex.ª.

## OS DOIS PESCADORES DE LEÇA DA PALMEIRA

II

Dizia-se em Leça que a mãe do pescador Raimão tinha quarenta annos. Por mais que ella e a sua certidão de edade porfiassem em attestar cincoenta e dois, não havia quem lhes désse credito. O povo tinha razão, talvez; a verdadeira edade de uma mulher é a que ella parece ter; quem não prefere uma de quarenta annos, que pareça ter trinta, a uma de trinta, que pareça ter quarenta!

Era branca de neve e parecia ter sido extremamente formosa: as leves rugas que se lhe divisam na fronte, tinham o ar de se encontrarem em direcções combinadas, e davam-lhe um aspecto grave e melancholico; chamava-lhe ella dadivas da experiencia. Os seus olhos, com quanto não tivessem já o brilho phantastico, que passa com a mocidade, guardavam ainda luz bastante para que uma vista sua penetrasse a alma, e decifrasse sem custo os mais guardados segredos. Tinha o nariz pronunciadamente aquilino, e, apesar da edade, conservava todos os dentes alvos e brilhantes. Desenhava-se-lhe pelo rosto uma expressão continuadamente perscrutadora, severa, e por vezes de uma ironia, que gelava a alma.

Anna se chamava. Tratavam-a em Leça pela «senhor'Anna». Estava viuva havia nove annos; desde a morte de seu marido, que era um dos pescadores mais remediados do sitio, ninguem teve que ralhar de ella; e com quanto se enfeitassem muitos para a tentarem a segundas nupcias, nenhum conseguiu obter d'ella o mais leve olhar de promessa.

Tinha dois filhos. A um d'elles, na intenção de o fazer seguir estudos, chegou a mandal-o a um collegio do Porto: um dia, porém, foram tambem precisos á casa aquelles dois braços, e o pequeno, trocando a aula pelo mar, fez-se barqueiro aos doze annos.

Todo o periodo da sua mocidade foi triste como a noite. Elle nem sequer andava na catraia do seu irmão, e teve de sujeitar-se, por alcançar mais lucros, a fazer parte da companha d'outro barco da costa. Quando alguma vez, por estar muito rijo o vento e o mar em vagalhões, não podiam sahir á pesca, o pobre rapaz passava a tarde na praia, ajudando a concertar as redes e deixando insensivelmente correr-lhe o pranto pelas faces.

—Que diabo tens tu, rapaz, perguntavam-lhe os companheiros.

—Tristezas a que sou dado! respondia elle sorrindo e disfarçando. Isto é do sitio!

Os barqueiros espalhavam a vista em redor, e pareciam dar-lhe razão. A natureza alli é tudo; natureza agreste, ainda que cheia de encantos em todo o seu tom de melancholia, de saudade e de fé. Rio, arvores e mar! Está se bem alli, mas sente-se a necessidade de chorar! Á medida que se alarga a vista por aquelle horisonte da côr da esperança, porque não sente esperança a nossa alma? Mil ideias fataes nos lembram! Chega a parecer-nos felicidade o morrer moço, e diz a gente a si proprio, olhando para o pharol o para as ondas:—Quantos irão no comboio da tarde, levando pena de não haverem ido no da amanhã?! . .

Todos do sitio estimavam Roberto. O patrão da catraia, que tinha uma filhinha linda como os amores, havia dito um dia á mãe do mancebo:

—Esta ha de ser para o seu Roberto!

A mãe sorriu-se; o rapaz fez-se córado.

—E então eu fico ao signal? perguntou Raimão, rindo.

—Tens razão, meu rapaz. Es-

## VARÕES ILLUSTRES

### D. NUNO ALVARES PEREIRA

É o mais brioso paladino da nossa historia, e um dos mais notaveis guerreiros de Portugal. Foi, bem o podemos dizer, o Achilles portuguez, porque foi como Achilles invencivel. Nasceu a 24 de junho do 1360 no Bomjardim, junto da villa da Certã, segundo as melhores opiniões: era filho do prior do Crato, D. Alvaro Pereira, que na batalha do Salado muito se distinguira. Enthusiasta, desde creança, pelos romances de cavallaria, folgando de imitar os heroes d'esses livros, sempre valentes como as armas e leaes como as suas espadas, distinguiu-se já nas guerras de D. Fernando contra Castella, mas a sua brilhante carreira começa verdadeiramente, quando, em 1383, tomando o partido do Mestre de Aviz, o eleito do povo, a quem consagra desde então affecto inabalavel, se mostra o mais firme esteio do seu throno e da independencia da patria.

É o terror dos castelhanos; o seu valor e ao mesmo tempo o seu instincto militar, sempre lhe asseguram a victoria; derrota-os em Atoleiros no Alemtejo em 1384: vôa a Coimbra a sustentar nas cortes a causa do Mestre d'Aviz; aconselha-o, quasi que o obriga a dar a batalha de Aljubarrota; contribue mais do que ninguem, para essa gloriosa victoria.

Entra depois em Castella com cinco ou seis mil homens: destroça em Valverde, junto do Guadiana, trinta e três mil castelhanos; em todas as invasões, em todos os recontros é sempre o primeiro na vanguarda.

Quado a guerra da independencia termina e a expedição de Ceuta se resolve, lá vae ainda entre os expedicionarios o velho condestavel. O seu rei e o seu amigo fel-o conde de Barcellos, conde de Ourem, conde de Arrayolos, condestavel do reino, mordomo-mór do paço: assim recompensado e poderoso, larga tudo para ir viver vida modesta e obscura, no silencio do claustro, recolhendo-se ao convento do Carmo, que fundara em Lisboa, e onde morreu a 1 de novembro de 1431.

Sua filha D. Isabel casou com D. Affonso, filho bastardo de D. João I, e d'esse matrimonio proveio a casa de Bragança, que hoje occupa o solio de Portugal.

Valente, ninguem o foi mais, de lealdade era um modelo; austero nos costumes, religioso, a todos dava o exemplo da piedade e da moralidade. Desabrido ás vezes com o seu rei, que lhe tolerava tudo, cheio de preconceitos da velha nobreza, resistindo por conseguinte ás tentativas de D. João I, para aplanar, em volta do solio, esse terreno desegual formado pelas classes privilegiadas, esquecia todos os dissentimentos quando o seu companheiro d'armas, o seu amigo, lhe estendia os braços. Aquelle espirito enthusiasta e eternamente juvenil, aquelle coração de oiro conservaram sempre vivida, como em sacrario intimo, a chama da amisade fraternal que unira desde tenros annos os dois heroes de Aljubarrota.

Era verdadeiramrnte uma figura epica a do condestavel, mas tinha no caracter a bondosa mansidão dos fortes. A sua physionomia, na agitação das batalhas, lembra as figuras da Iliada; na meia luz da intimidade, traz-nos á memoria aquelles vultos, que Homero na Odysséa tão docemente agrupa em torno dos velhos lares da Grecia.

## DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

**Lisboa, 20**

Realisou-se no dia 18 o funeral da sr.ª D. Anna Gomes do Rosario, esposa do nosso amigo sr. Antonio da Pena de Figueiredo, encorporando-se no prestito mais de duzentas pessoas de todas as classes sociaes.

A extincta, que contava apenas 24 annos, era muito estimada, sendo por isso a sua morte muito sentida.

A toda a familia enluctada e especialmente ao desolado viuvo, enviamos sentidas condolencias.

—O distincto regente da philarmonica de Barcarena, sr. Ernesto Acacio, está a copiar algumas peças de musica muito apreciadas que os nossos amigos srs. Baeta Junior e Ferreira Garro vão offerecer á musica «Velha» de S. João de Loure, de que é digno regente o sr. João Marques Lemos, que não se tem poupado a esforços para que a referida philarmonica se imponha cada vez mais á sympathia do publico. Ainda ha pouco, em Eirol, obteve um triumpho, debatendo-se com a de Albergaria-a-Velha. Pelo menos, assim no-lo annuncia um dedicado amigo.

—Tem passado bastante incommodado de saude o sr. Antonio Marques da Silva.

Pela nossa parte, fazemos votos pelas sua rapidas melhoras.

—Ha dias, ali á porta do José Gordo, na rua Nova da Piedade, houve grossa pancadaria entra o Jorge Gallego e um trapeiro da rua de Santo Antonio, dois dedicados devotos do Deus Baccho.

—O *Seculo* deu hoje, em *placard*, a noticia da morte desastrosa d'um portuguez, em Salamanca, que se suppõe ser aquelle pobre rapaz Manuel Fernandes que, ha dias, desappareceu d'esta cidade, onde era escripturario no mercado da Ribeira Nova. Seu pae, negociante de peixe n'esta praça, chama-se Luiz Fernandes e mora na calçada de S. João Nepomuceno.

O extincto era um bom rapaz, muito estimado entre as varinas que, por brincadeira lhe chamavam o «Padre Mattos».

*Melicias.*

—=—

**S. João de Loure, 21**

Fizeram exame do primeiro grau na escola do sexo masculino d'esta freguezia os seguintes alumnos, obtendo quasi todos a classificação de *optimo*:

Manuel Joaquim da Silva Junior, Manuel Rodrigues Simões, Manuel Lopes da Silva, Antonio Correia Sequeira, Antonio Dias d'Abreu, Manuel Dias dos Santos e a menina Augusta Dias Sequeira.

Como delegado do sr. Sub-Inspector do circulo escolar d'Aveiro, foi presidir aos exames do primeiro grau em Vagos o nosso presado amigo e distincto professor nesta freguezia sr. Alexandre Nunes Vidal.

—Parte, amanhã, para Mondariz a sr.ª D. Maria Innocencia d'Araujo Ferreira onde vae mais uma vez procurar alivio para os seus padecimentos. Acompanha-a o seu sobrinho e nosso amigo sr. Antonio Dias Leite, distincto alumno do lyceu de Coimbra.

—Seguiram para Lisboa os srs. João da Silva Rezende e Julio Nunes Sequeira.

—Falleceu, ha dias, na sua casa da rua do Cabo, o sr. José Christino da Silva que deixa alguns filhos ainda pequenos.

—A' desolada viuva enviamos sentidas condolencias.

—Acabamos de saber que obteve uma elevada classificação no exame de admissão á Escola Districtal d'Aveiro o nosso amigo sr. Amadeu José dos Santos, d'Angeja, que foi leccionado pelo distincto professor sr. Alexandre Vidal que deu mais uma prova da sua reconhecida competencia profissional.

A ambos, as nossas mais vivas felicitações.—C.

—=—

**Troviscal, 14**

No ultimo domingo, pelas onze horas da manhã, reuniram-se aqui, em casa para esse fim destinada, as commissões republicanas desta freguezia e da de Mamarosa, e a municipal de Oliveira do Bairro, a fim de tratarem de varios assumptos respeitantes á causa que defendem, tendo comparecido, ao que me informam, quasi todos os seus membros.

Entre as diversas deliberações tomadas, sobresae a de promoverem quanto antes um comicio de propaganda, em que devem tomar parte alguns oradores republicanos mais notaveis do paiz.

Esta resolução, porém, parece que ficou dependente de approvação superior para se pôr em pratica.

—De visita ao reverendo parocho desta freguezia, que ultimamente tem passado um pouco incommodado de saude, esteve aqui na proxima passada segunda-feira o reverendo abbade de Varzea de Ovelha (Marco de Canavezes) sr. Antonio Gomes da Silva Valente, sacerdote extremamente bondoso e muito illustrado.

—Com a assistencia e sob a presidencia do mui digo Sub-Inspector de Anadia, sr. Albino Gonçalves de Amorim, acabam agora mesmo de se realizar aqui os exames do 1.º grau dos alumnos de ambas as escolas desta freguezia para esse fim propostos, sendo o seguinte o resultado:

Escola do sexo masculino de que é professor o sr. José d'Oliveira Souza:

Antonio Simões Quintaneiro, Calisto Pinhal, Eleuterio Joaquim de Carvalho, João dos Santos Pereira e Manoel Ferreira dos Santos — Optimamente; Avelino Santhiago, Constantino Nunes Motta — Bem; José Domingos Galla — Sufficiente.

Escola do sexo feminino, de que é professora a sr.ª D. Ernestina da Conceição Rocha:

Maria Adelaide d'Oliveira da Graça, Maria do Ceu Moreira — Optimamente; Maria Aurora—Bem.—C.

**Arrancada, 20**

Sob a presidencia do Sub-Inspector, sr. Domingos José Cerqueira, effectuaram-se, no dia 16, os exames do 1.º grau desta freguezia, sendo o resultado obtido o seguinte:

Sexo feminino: Gracinda Augusta Pinheiro, Malfada de Bastos Estimado e Palmira Rosa Fernandes da Silva — Optimo.

Sexo masculino: Aldo Correia de Bastos, Alfredo d'Almeida, Antonio Maria d'Almeida, Ernesto Correia Vidal, Fernando Rodrigues Simões e Americo Gomes dos Santos — Optimo; José da Fonseca Estimado, Manuel Francisco d'Oliveira e Manuel Tavares da Silva—Bom.—C.

—=—

**Alquerubim, 17**

Vieram hoje quatro caçadores d'Agueda, entre elles o sr. dr. Jayme Ribeiro, á caça dos patos bravos, á Pateira de Frossos, mas foram infelizes, porque apenas lhes appareceram tres, e esses mesmos não ao alcance do fogo.

—Estes dias, tem cahido alguma chuva que, apesar de pouca, tem beneficiado muito os milharaes que se mostram bastante promettedores. O vinho é que está reduzido a metade; mas apesar d'isto o da colheita passada, pouco tem subido.

—Festeja-se, aqui, no proximo domingo, a Santa Marinha, padroeira d'esta freguezia.—C.

## Leituras amenas

### ELEIÇÕES

Ha entre el-rei e o povo
por certo um accordo eterno:
fórma el-rei governo novo,
logo o povo é do governo,
por aquelle accordo eterno
que ha entre el-rei e o povo.
Graças a esta harmonia,
que é realmente um mysterio,
havendo tantas facções,
o governo, o ministerio
ganha sempre as eleições
por enorme maioria.

Havendo tantas facções
é realmente um mysterio!

### Grandes narizes

— Os grandes narizes, diz um observador que fez muitas investigações sobre a materia, são apreciados em todo o mundo, excepto na China e na Tataria. Porque? Porque são os melhores. Todos os imperadores romanos tiverão grande nariz. Basta observar os seus retratos para d'isto vos convencerdes. O nariz de Numa era de taes dimensões que por elle mereceu o sobrenome de Pompilius, como quem dizia nariz superlativo. Plutarco diz-nos que Solon e Lycurgo tiverão a mesma vantagem assim como todos os reis d'Italia á excepção de Tarquino, o soberbo.

Homero tinha um grande nariz; tiveram-n'o tambem Tito Livio, Ovidio, Angelo Policiano, S. Carlos Borromeu e Luiz de Camões, e ao dizermos isto, acrescenta o espirituoso escriptor a que primeiro nos referimos, que todos os que desde Homero até hoje se teem distinguido por esta especialidade teem sido invejados pelo seu privilegio.

Nem todos dirão o mesmo.

### Prisão mysteriosa

Certo mancebo, de nome José Capira, filho de um caseiro affirmou que vira um homem negro approximar-se de um cão de guarda que estava preso a uma laranjeira; o cão ladrou e o homem desappareceu. Como todos pensassem que alli talvez se encontrasse algum thesouro escondido, José pega d'uma pá e põe se immediatamente a fazer uma cova; a pá, porém, foi-lhe arrebatada das mãos, e o rapaz foi preso e ligado á arvore.

Correm logo a liberta-lo; aos seus libertadores, que lhe pediam explicações, respondeu: «Foram aquelles pretos, que estão lá baixo, que me pregaram esta peça.» Ora, ninguem viu cousa alguma. Duas vezes, a seguir, o proprietae um dos seus amigos viram José solidamente ligado a ramos de arvores dos quaes o desligaram com grande difficuldade.

Julgando o proprietario que por alli andavam partidas maliciosas de algum malcreado, ia dar parte á policia quando se produziu um novo phenomeno. Emquanto fallava com o pae de José, a respeito d'uns trabalhos, viu passar o rapaz e chamou por elle. Mal tinha dado alguns passos, desapparece subitamente, apenas o bonnet jazia por terra. O cocheiro do proprietario viu então José na cornija do castello a 60 pés acima do solo. Estava sem sentidos e o pessoal do castello, trepou ao tecto, conseguindo, não sem difficuldades, tira-lo da posição perigosa em que estava. Logo que voltou a si, declarou que dois negros o tinham tomado por um braço e o tinham depositado naquelle logar. As portas do castello estavam precisamente fechadas a chave e era completamente impossivel fosse a quem fosse chegar ao tecto nessas condições. O proprietario e o seu companheiro, testemunhos deste phenomeno tiveram de se declarar convencidos da realidade deste caso extranho,

**Acaba de publicar-se:**

PEQUENO LIVRO

DOS FIEIS DEVOTOS

DO

Sagrado Coração de Jesus

DECIMA EDIÇÃO

Approvada pela Auctoridade Ecclesiastica

Indispensavel aos associados do Apostolado da Oração e outros, por conter grande cópia de orações na sua maior parte indulgenciadas, todas as consagrações até hoje publicadas, Methodo da Missa, ladainha, Hymnos e canticos, etc., etc.

1 elegante volume de 96 paginas, impresso em bom papel: encadernado em percalina, com o titulo na lombada, 120 réis idem com o titulo na pasta, 140 réis; idem idem e dourado pelas folhas, 240 réis.

Para propaganda: um exemplar gratis em cada seis dos primeiros, um dito dos segundos em cada sete dos mesmos, e um dito com folhas douradas em cada doze dos primeiros ou seis dos ultimos.

Pedidos ao editor, A. Martins Pereira, rua Sá Noronha, 51, ou á Casa de S. José (unica depositaria), de José Barbosa Ribeiro, rua das Flores, 168 a 176—Porto.

---

quecia-me de ti! Pois digo-te que ha de tudo ser regulado por outra bitola. Ella é que ha de escolher a seu tempo aquelle de vocês que lhe quadrar mais ao geito!

A creança pendurou-se a um braço de Roberto e exclamou num tom caloroso:

—Este!...

Foi puramente uma galanteria. Ficou por muito tempo na memoria do povo esta graça infantil. Um dia, porém, houve quem visse Roberto ir ajoelhar-se diante da capella do Senhor dos Afflictos: elle tinha treze annos então: a prece que dirigiu a Deus foi prometter um palacio edificado no logar da sua cabana, se tivesse vida e fortuna para voltar rico. Creança ajoelhou, e ergueu-se homem; — estava marinheiro. Já n'essa noite não appareceu em casa, e quando na manhã seguinte se espalhou a noticia de que elle partira a bordo de um brigue para o Brazil, a mãe recordou-se aterrada de que o pequeno lhe humedecera a mão de lagrimas, a ultima vez que lh'a beijou!

Quatorze annos se passaram desde este acontecimento: na occasião em que principia o meu conto voltára Roberto do Brazil, e correra a abraçar sua mãe e seu irmão áquella humilde choupana de Leça da Palmeira, que o tinha visto nascer!...

III

Entre os dois irmãos o contraste era completo. Roberto era um mocetão alto, magro, levemente pallido, de olhos negros e melancholicos, expressão serena e elegante. Raimão parecia ter quarenta annos, não tendo mais que trinta e dois: era baixo, grosso, córado, olhos claros, expressão alegre e um caracter franco, prasenteiro e rude. Tinha as boas qualidades do primeiro, probidade, sizudez, bom coração e boa indole, mas faltava-lhe a sua principal qualidade, o seu principal defeito talvez, — a ambição —; por isso, emquanto Roberto luctou com as difficuldade da vida material, atravessando a miseria para chegar á fortuna, Raimão proseguiu na sua condição obscura, passando os melhores dias da sua mocidade numa catraia sobre as ondas!

Raimão estava casado. O patrão do barco havia morrido, e elle desposára a filha que ficára orphã, — aquella creança que se pendurára ao braço de Roberto, ao escolhel-o por noivo, Izabel,— era o seu nome — tinha a este tempo vinte e tres annos.

Toda a gente de Leça se recordava de vêr um velho de barba grisalha e longos cabellos brancos que lhe davam um ar de patriarcha, e que levava sobre a fronte, sem ella se lhe curvar por isso, as neves de oitenta invernos. Alguma coisa de altivo e digno, uns restos de antigo ar maritimo, attitude de coragem, que não se perde nunca, revelavam que esse velho era um pescador tornado mendigo, que ganhava amargamente aquelle triste pão de cada dia, que se pede cada noite ao céo. Ao seu lado, como uma Antigona rustica, ia sempre uma rapariga, sua filha, cujo hombro se offerecia á mão do octogenaria, apesar d'elle affectar que andava direito e leve. O seu facto, quasi, tão velho como elle, tinha o aceio da miseria altiva; nem uma nodoa, nem um buraco. A rapariga dava uma graça severa ao seu traje, mais que simpres, que parecia um mólho de farrapos noutra que não fosse ella. A sua tez pallida, a sua fraqueza que dissimulava uma vontade energica, o seu ar de reserva, quasi soberbo, de tanta frieza era, indicava uma dôr profunda que se acceitou, um segredo penoso calado para sempre!...

(*Continúa*).

JULIO CESAR MACHADO.

# LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

*Ultimas publicações:*

**MANUSCRIPTO**

DAS

*ESCOLAS PRIMARIAS*

(Illustrado)

**por Angelo Vidal**

Cuidadosamente organisado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

**Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.**

**Broch. 120 Enc. 200 reis**

**Desenho Geometrico dos Lyceus,** para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

**Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

**Para festas das creanças**

**Puerilidades**

por *Angelo Vidal*

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

**PORTUGAL NA CRUZ**

*Versos de BERNARDO PASS*

Edição da *Livraria Central*, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.

GRAMMATICA ELEMENTAR

DA

LINGUA PORTUGUEZA

PARA

USO DOS ALUMNOS

D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA

Elaborada segundo os actuaes programmas

POR

ALBANO DE SOUZA

3. EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Teem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

**Cartonado 150 réis**

**PROGRAMMAS D'INSTRUCÇÃO PRIMARIA**—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

**TABOADA** e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A M. F.

**5.ª edição . . . 100 reis**

**Manuscripto das Escolas Primarias**

POR

**Angelo Vidal**

Edição da *Livraria Fernandes*

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O *Manuscrpto das Escolas Prmarias*—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes acommodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se póde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisarão d'elle.

(Da *Vitalidade* de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

*VIEIRA DA COSTA*

E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

*Livraria editora de Gomes de Carvalho--- Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.*

A B C

ILLUSTRADO

POR

*ANGELO VIDAL*

A' venda em todas as livrarias.

**2.ª edição—Brochado 60—Cart. 100**

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A acceitação que este livrinho vai tendo, anima nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo: — Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão-2$300 reis.

LÉON TOLSTOI

**A Clero.** A destruição doinferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

**O que é a religião?** Traducção de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

**Pão para a bocca.** Origem do mal. Traducção de Affonso Gayo 1 vol. 100.

**Razão, fé, oração.** Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

**(O Bom senso do) A Razão dum Padre.** Traducção de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

**Atravez das edades.** Poemete offerecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

**O Seculo e o Clero,** por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

**A mentira religiosa,** por Max Nordau. Traducção de Affonso Gayo. 1 vol., 100

LIVRARIA CENTRAL

DE

**Gomes de Carvalho, editor**

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

**SCIENCIA E RELIGIÃO**

*Traduzida da 3.ª edição franceza por*

**HELIODORO SALGADO**

Esta obra é um ensaio de vulgarisação, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual fôr a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

*1 volume com 156 gravuvas*

**Preço 500 réis**

**Bibliotheca Humoristica**

**A RIR... A RIR...**

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

**PUBLICAÇÃO QUINZENAL**

**50 rs.--32 paginas--50 rs.**

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfastiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humoristica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeração seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade

Ao A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas satanicas», com as quaes V. Lhac castigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploração, emfim, a reacção em todas as suas manifestações; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; depois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisal-a o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

**A venda em todas as livrarias**



# CORREIO DO VOUGA

**(EIXO)**

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

*Redacção e Administração:*
*R. de S. Miguel, 36--PORTO*

ASSIGNATURA
(Pagamento adiantado)

| | |
|---|---|
| Portugal—anno . . . . . | 1$200 |
| » —semestre . . . . | 600 |
| Africa —anno . . . . . | 1$500 |
| Brazil—anno—(moeda forte) . | 2$200 |

PUBLICAÇÕES

| | |
|---|---|
| Annuncios, por cada linha. . | 10 reis |
| Communicados, cada linha. . | 20 » |

Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento.

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

3.º ANNO—N.º 31

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administração—Rua de S. Miguel, 36—PORTO


*Exm.º Snr.*